



UNIVERSIDADE ESTADUAL DA PARAÍBA
CAMPUS I
CENTRO DE EDUCAÇÃO
DEPARTAMENTO DE EDUCAÇÃO
CURSO DE PEDAGOGIA

EDNA VANESSA DE ANDRADE ALVES

**A INTERVENÇÃO PSICOPEDAGÓGICA NO DESENVOLVIMENTO DA
APRENDIZAGEM DE CRIANÇAS COM TEA**

CAMPINA GRANDE - PB
2022

EDNA VANESSA DE ANDRADE ALVES

**A INTERVENÇÃO PSICOPEDAGÓGICA NO DESENVOLVIMENTO DA
APRENDIZAGEM DE CRIANÇAS COM TEA**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Curso de Pedagogia da Universidade Estadual da Paraíba - UEPB, como requisito parcial à obtenção do título de graduação em Pedagogia.

Orientadora: Prof^ª. Dr^ª. Livânia Beltrão Tavares

**CAMPINA GRANDE - PB
2022**

É expressamente proibido a comercialização deste documento, tanto na forma impressa como eletrônica. Sua reprodução total ou parcial é permitida exclusivamente para fins acadêmicos e científicos, desde que na reprodução figure a identificação do autor, título, instituição e ano do trabalho.

A474i Alves, Edna Vanessa de Andrade.
A intervenção psicopedagógica no desenvolvimento da aprendizagem de crianças com TEA [manuscrito] / Edna Vanessa de Andrade Alves. - 2022.
47 p.
Digitado.
Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Pedagogia) - Universidade Estadual da Paraíba, Centro de Educação, 2023.
"Orientação : Profa. Dra. Livânia Beltrão Tavares , Departamento de Educação - CEDUC."
1. Transtorno do Espectro Autista - TEA. 2. Intervenção psicopedagógica. 3. Desenvolvimento da aprendizagem. I.
Título

21. ed. CDD 371.9

EDNA VANESSA DE ANDRADE ALVES

A INTERVENÇÃO PSICOPEDAGÓGICA NO DESENVOLVIMENTO DA
APRENDIZAGEM DE CRIANÇAS COM TEA

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado
ao Curso de Pedagogia da Universidade
Estadual da Paraíba - UEPB, como requisito
parcial à obtenção do título de graduação em
Pedagogia.

Aprovado em: 30/11/2022

BANCA EXAMINADORA



Prof.^a. Dr.^a. Livânia Beltrão Tavares (Orientadora)
Universidade Estadual da Paraíba (UEPB)



Prof.^a. Dr.^a. Diana Sampaio Braga
Universidade Estadual da Paraíba (UEPB)



Prof. Dr. Eduardo Gomes Onofre
Universidade Estadual da Paraíba (UEPB)

A Deus, que me presenteia todos os dias com a energia da vida, que me dá forças e coragem para atingir os meus objetivos.

RESUMO

O presente estudo teve o intuito de realizar uma investigação a respeito da intervenção psicopedagógica no desenvolvimento da aprendizagem da criança com Transtorno do Espectro Autista (TEA). Sabemos que nos últimos anos a incidência de crianças diagnosticadas com o Transtorno do Espectro Autista (TEA) tem sido cada vez mais alta, com isso, se faz necessário que compreendamos quais caminhos seguir para o desenvolvimento da aprendizagem dessas crianças, visto que elas estão cada vez mais presentes no âmbito do ensino regular. Sendo assim, é fundamental que discutamos sobre a intervenção psicopedagógica, nesse sentido este estudo tem como objetivo analisar como a Psicopedagogia pode contribuir para o desenvolvimento da aprendizagem da criança com TEA. Para isso, vamos perpassar pelo processo histórico e inclusivo do Transtorno do Espectro Autista (TEA), por suas características, incidência, diagnóstico, os níveis do TEA, o processo de ensino aprendizagem da criança com TEA e por fim a Intervenção Psicopedagógica frente a criança com TEA. Tudo isso com a finalidade de compreendermos um pouco mais sobre o TEA, para que então possamos proporcionar uma educação de qualidade para essas crianças diagnosticadas com o TEA.

Palavras chave: Transtorno do Espectro Autista - TEA. Intervenção Psicopedagógica. Desenvolvimento da aprendizagem.

ABSTRACT

The present study aimed to conduct an investigation regarding the psychopedagogical intervention in the development of learning of children with Autism Spectrum Disorder (ASD). We know that in recent years the incidence of children diagnosed with Autism Spectrum Disorder (ASD) has been increasingly high, with this, it is necessary that we understand which paths to follow for the development of learning of these children, as they are increasingly present in the context of regular education. Therefore, it is essential that we discuss the psychopedagogical intervention, in this sense this study aims to analyze how Psychopedagogy can contribute to the development of the learning of children with ASD. For this, we will go through the historical and inclusive process of Autism Spectrum Disorder (ASD), by its characteristics, incidence, diagnosis, ass levels, the teaching process of learning children with ASD and finally the Psychopedagogical Intervention in front of the child with ASD. All this in order to understand a little more about ASD, so that then we can provide a quality education for these children diagnosed with ASD.

Keywords: Autism Spectrum Disorder - ASD. Psychopedagogical intervention. Development of learning.

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO.....	7
2	FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA.....	11
2.1	O Transtorno do Espectro Autista (TEA): Processo histórico e inclusivo.....	11
2.2	Características, incidência e diagnóstico do Transtorno do Espectro Autista (TEA).....	17
2.3	O Manual Diagnóstico e Estatístico dos Transtornos Mentais (DSM) e os níveis do Transtorno do Espectro Autista (TEA).....	22
2.4	O Transtorno do Espectro Autista (TEA) e o Processo de Ensino Aprendizagem.....	27
2.5	A Intervenção Psicopedagógica frente a criança com Transtorno do Espectro Autista (TEA).....	30
3	METODOLOGIA.....	33
4	RESULTADOS E DISCUSSÃO.....	34
5	CONCLUSÃO.....	44
	REFERÊNCIAS.....	46

1 INTRODUÇÃO

O Transtorno do Espectro Autista (TEA) é um distúrbio que se caracteriza como um transtorno global de desenvolvimento da criança, o mesmo interfere na linguagem, na interação social e na comunicação. A criança com TEA também pode apresentar padrões de comportamentos repetitivos, um repertório restrito de interesses e atividades, bem como atraso cognitivo (STEFFEN et al., 2019).

O diagnóstico do TEA não é realizado por meio de exames como de outras doenças, ele é feito através de avaliações clínicas por especialistas em psiquiatria infantil ou em neuropediatria (SOUZA, 2018). Geralmente se acende um sinal de alerta quando os pais percebem que seu filho tem um comportamento que difere muito do das outras crianças que têm a mesma idade.

Quando as crianças estão inseridas no ambiente escolar, seja em berçários, em creches e até mesmo nas próprias escolas, onde há profissionais que convivem de perto com muitas crianças, torna-se ainda mais evidente para esses quando alguma dessas crianças têm hábitos e atitudes que divergem das demais, indicando dessa forma, sinais para o TEA. Essa percepção notória acontece pelo fato dessas crianças não conseguirem acompanhar as demandas escolares que lhes são direcionadas, assim a equipe escolar tende a orientar os pais ou responsáveis para irem em busca de uma orientação de um profissional especializado.

Após o diagnóstico, é importante que a criança tenha acesso às terapias de estimulação e reabilitação cognitiva, que acontecem no ambiente clínico de forma individualizada e envolvem principalmente Psicoterapia, que estimula os comportamentos sociais, incentiva o aprendizado, reforça atividades diárias da vida pessoal; Fonoaudiologia que vai auxiliar na comunicação, ou seja, no desenvolvimento da linguagem; Terapia Ocupacional que auxilia na independência, com atividades da vida escolar, cotidiana e no lazer; fisioterapia que vai trabalhar com a parte da psicomotora; bem como, a Psicopedagogia que vai identificar as dificuldades dessa criança, para propiciar intervenções adequadas para o desenvolvimento cognitivo.

Juntamente com o diagnóstico de Transtorno do Espectro Autista (TEA), vem a insegurança a respeito do futuro da criança. Após a conclusão do diagnóstico, a família se depara com algumas preocupações a respeito do desenvolvimento da criança. A partir dessas

preocupações surgem algumas indagações em relação ao progresso escolar, aos relacionamentos, ao mercado de trabalho, mas a maior preocupação de todas é em relação à inclusão na escola e na sociedade em geral.

Tais indagações são advindas da história, pois por muitos anos crianças com TEA eram excluídas das escolas, ou seja, tinham o direito à educação negado por serem taxadas como sem capacidade de aprendizagem e de convivência. Essas ficavam em instituições segregativas, onde eram medicadas, assim mantinham uma relação apenas clínica e assistencialista. Felizmente, ao longo dos anos houve uma mudança muito significativa a respeito das verdadeiras necessidades das crianças com TEA. Vemos hoje que a inclusão dessa criança no âmbito escolar é de extrema relevância, pois ela tem o direito de uma aprendizagem de qualidade tanto como qualquer outra criança. E é dever de cada um e de todos assegurar o direito das nossas crianças a ter uma educação de qualidade.

Para que haja uma garantia que a criança com TEA seja incluída verdadeiramente no sistema de ensino, é preciso que o docente conheça tanto os interesses como suas dificuldades, pois é a partir do conhecimento do nível de aprendizagem da criança com TEA que o docente terá um norte para ir em busca de modelos de intervenção que irão contribuir para o desenvolvimento da aprendizagem desta criança. Visando atender às especificidades e tendo em vista todas as implicações desse distúrbio que refletem em dificuldades no aprendizado, se faz de extrema importância a intervenção, com o uso de práticas psicopedagógicas significativas em um movimento reflexivo.

É importante que a equipe pedagógica que compõe o corpo escolar, tenha a capacitação e supervisão devida, para a atuação tanto em sala de aula, como em sala de recursos. A criança com TEA tem seu direito assegurado pela Lei 12.764, de 27 de dezembro de 2012, a um acompanhante, a mestra traz que “[...] em casos de comprovada necessidade, a pessoa com transtorno do espectro autista incluída nas classes comuns de ensino regular, nos termos do inciso IV do art. 2º, terá direito a acompanhante especializado” (BRASIL, 2012). Sendo de extrema importância que este seja capacitado, para que essa mediação de aprendizagem tenha o devido sucesso.

Há também a recomendação do Atendimento Educacional Especializado (AEE), que deve ser feito na própria escola, no horário oposto às aulas das crianças, sendo realizado no mínimo duas vezes por semana. No entanto, em sua maioria, esse serviço é prestado apenas em redes municipais e estaduais de ensino no Brasil. São poucas, ou quase nenhuma, escolas da rede de ensino privada que ofertam o Atendimento Educacional Especializado (AEE).

A equipe escolar também deve elaborar o Plano de Desenvolvimento Psicoeducacional Individual (PDPI), onde vai haver a personalização do processo de ensino para a criança com TEA, este plano leva em consideração os interesses, os conhecimentos, as necessidades e as prioridades da criança. O PDPI, se bem elaborado, vai trazer informações sobre o potencial de aprendizagem da criança, permitindo também a visualização de qual caminho seguir, de qual tipo de intervenção utilizar para ter implicações positivas no processo de ensino e aprendizagem.

A observação nesse processo é muito importante para o início da intervenção, pois é por meio da observação que se torna possível que os docentes vejam as habilidades e os interesses da criança com TEA, o que proporcionará traçar um plano individual compatível com o nível de aprendizagem das crianças. É a partir do plano individual que vão surgir as estratégias que servirão de estímulo, tornando a educação prazerosa e satisfatória para essas crianças.

É realizada também uma anamnese com os pais, onde são feitos diversos questionamentos desde a concepção, juntamente a avaliação inicial com a criança, para que então seja dado início ao processo terapêutico de estimulação cognitiva. Essa criança é reavaliada a cada seis meses ou a cada ano, essa reavaliação é essencial para checar as habilidades que foram adquiridas e as que estão emergindo e/ou as que não foram alcançadas (SOUZA, 2018). Ou seja, serão analisados se houveram avanços, caso seja percebido que esses não ocorreram, haverá uma revisão nas intervenções que estão sendo utilizadas, é importante também considerar o contexto em que essa criança está inserida tanto no âmbito familiar, como no escolar.

O grande desafio no processo de aprendizagem é o de contribuir com o desenvolvimento da linguagem e da interação social, pois há uma dificuldade em compreender, interpretar e em estabelecer algumas relações. Assim, de acordo com Cunha (2015) a intervenção tem o foco em melhorar os processos de simbolização e expressões afetivas da criança, proporcionando que ela estabeleça vínculos afetivos e de qualidade (apud FONTENELE, 2018).

Por consequência, as intervenções têm a intenção de sublimar os âmbitos de funcionamento cognitivo das crianças com TEA, uma vez que estas têm sim a plena competência para ser alfabetizada e letrada. Mas não se pode resumir a aprendizagem delas apenas na leitura, na escrita e nos cálculos, devemos ter também a preocupação em torno da melhoria “de padrões de comportamento, de falar, de comunicação e interação, ou seja, tornar a vida dessa pessoa mais funcional” (FONTENELE, 2018).

Nessa perspectiva, o presente trabalho corresponde a uma revisão literária, diante da importância da intervenção psicopedagógica para crianças com TEA, buscando demonstrar a relevância da percepção dos sinais precoces, bem como a intervenção por meios plausíveis junto com o trabalho de diversos profissionais, tanto da equipe escolar como da saúde, para que possa haver um desenvolvimento cognitivo e social adequado e de qualidade.

Dessa maneira, o presente trabalho traz como objetivo geral analisar como a Psicopedagogia pode contribuir para o desenvolvimento da aprendizagem da criança com o Transtorno do Espectro do Autismo (TEA). Levando em consideração que hoje com as diversas tecnologias educacionais que estão disponíveis ao acesso do professor, que por sua vez pode usá-las para atuar como meio de intervenção, para que assim crie um modelo educacional diferente e apropriado, e que gere as mudanças necessárias na educação de crianças com TEA.

A fim de que isso aconteça, é interessante que o docente conheça o grau de dificuldade em que a criança se encontra, evitando qualquer espécie de rotulagem. Inteirar-se sobre os níveis de aprendizagem e os interesses da criança com TEA são pontos extremamente importantes para uma adoção de modelo de intervenção significativa que torne a criança funcional ao mesmo tempo que a inclua no sistema de ensino.

2 FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

2.1 O Transtorno do Espectro Autista (TEA): Processo histórico e inclusivo

Para que haja uma melhor compreensão a respeito do Transtorno do Espectro Autista (TEA) é necessário perpassar por seu processo histórico, a fim de que possamos conhecer as causas determinadoras do seu desenvolvimento. Uma das primeiras instituições criadas para pessoas com TEA, foi a Associação de Amigos do Autista (AMA). Fundada no ano de 1983 na cidade de São Paulo, a AMA é uma corporação social, sem fins lucrativos, que tem como objetivo amparar pessoas diagnosticadas com TEA, acompanhando também o progresso familiar, no que diz respeito a abordagem necessária para que a pessoa com TEA possa ter uma vida com mais qualidade.

O estatuto da instituição AMA tem como compromisso propiciar uma vida digna à pessoa com TEA, para isso tem o foco no trabalho, na saúde, no lazer e na integração com a sociedade. Além de amparar as famílias das pessoas com TEA com ferramentas para o convívio no lar e em sociedade, e também realizar incentivos a estudos e pesquisas sobre o TEA, propagando o conhecimento reunido.

A Associação de Amigos do Autista (AMA) não tem suas preocupações voltadas tão somente ao aparato emocional das famílias, mas também se relaciona com o poder público, a fim de criar leis que proporcionem abordagens novas e pesquisas na área da saúde e da educação para as pessoas com TEA. CUNHA e ARAÚJO (2021) trazem que “estas ações tiveram resultado quando em 27 de dezembro de 2012, foi sancionada a Lei Federal nº 12.764, que Institui a Política Nacional de Proteção dos Direitos da Pessoa com Transtorno do Espectro Autista” (BRASIL, 2012 apud CUNHA e ARAÚJO, 2021, p. 30).

Outra instituição bastante conhecida é a Associação de Pais e Amigos dos excepcionais (APAE), fundada na cidade do Rio de Janeiro, em dezembro de 1954, perante a ação de uma mãe de uma criança com síndrome de Down, que havia chegado recentemente dos Estados Unidos, Beatrice Bemis havia experienciado a fundação de outras 250 APAE's.

Atualmente, após 60 anos de sua fundação, existem várias associações espalhadas por todas as regiões do Brasil, sendo 2.144 filiadas e 23 Federações Estaduais das APAE's. Essas instituições contam com serviço de saúde, de educação e de assistência social àqueles que precisam. A APAE funciona como rede de apoio “[...] à defesa dos direitos das pessoas com deficiência intelectual e múltipla, que hoje conta com cerca de 250 mil pessoas com

deficiência, incluindo-se os autistas” (APAE, 2016 apud CUNHA e ARAÚJO, 2021, p. 30-31).

A história da humanidade traz a marca do preconceito sofrido por parte das pessoas com deficiência, estas eram excluídas das escolas e da sociedade como um todo, tinham o seu direito à educação negado, isso por serem taxadas como sem capacidade de aprendizagem e de convivência. Felizmente, ao longo dos anos houve uma mudança muito significativa a respeito das verdadeiras necessidades das pessoas com deficiência. Vemos hoje que a inclusão no âmbito escolar é de extrema relevância, pois ela tem o direito a uma aprendizagem de qualidade tanto como qualquer outra. Mas isso não quer dizer que o preconceito e a discriminação com as pessoas deficientes foram erradicados, pois esses ainda são a causa, destes não serem inseridos no mercado de trabalho e no âmbito escolar.

Como medida para tentar resolver esse problema instituiu-se a Lei nº 13.005 (BRASIL, 2014), que foi responsável por criar o Plano Nacional da Educação (PNE). Essa lei foi responsável pela criação de diretrizes e metas com o intuito do aprimoramento e execução de políticas públicas voltadas para educação, entre o período de 2014 a 2024. Das metas estabelecidas pelo PNE, a de número 4 ganha destaque por se tratar de uma meta voltada para pessoas com deficiência, ela objetiva universalizar, para a população de 4 a 17 anos com deficiência, transtornos globais do desenvolvimento e altas habilidades ou superdotação, o acesso à educação básica e ao atendimento educacional especializado (BRASIL, 2014). Essa meta ainda visa que, esse atendimento deve acontecer preferencialmente na rede regular de ensino, de forma inclusiva e com a utilização da sala de recursos multifuncionais, a meta destaca também a importância desse atendimento ser especializado, seja ele em classes ou escolas, públicas ou conveniadas. Essa meta conta com estratégias, algumas delas são:

[...] 4.3) implantar, ao longo deste PNE, salas de recursos multifuncionais e fomentar a formação continuada de professores e professoras para o atendimento educacional especializado nas escolas urbanas, do campo, indígenas e de comunidades quilombolas; 4.4) garantir atendimento educacional especializado em salas de recursos multifuncionais, classes, escolas ou serviços especializados, públicos ou conveniados, nas formas complementar e suplementar, a todos (as) alunos (as) com deficiência, transtornos globais do desenvolvimento e altas habilidades ou superdotação, matriculados na rede pública de educação básica, conforme necessidade identificada por meio de avaliação, ouvidos a família e o aluno; 4.5) estimular a criação de centros multidisciplinares de apoio, pesquisa e assessoria, articulados com instituições acadêmicas e integrados por profissionais das áreas de saúde, assistência social, pedagogia e psicologia, para apoiar o trabalho dos (as)

professores da educação básica com os (as) alunos (as) com deficiência, transtornos globais do desenvolvimento e altas habilidades ou superdotação; 4.6) manter e ampliar programas suplementares que promovam a acessibilidade nas instituições públicas, para garantir o acesso e a permanência dos (as) alunos (as) com deficiência por meio da adequação arquitetônica, da oferta de transporte acessível e da disponibilização de material didático próprio e de recursos de tecnologia assistiva, assegurando, ainda, no contexto escolar, em todas as etapas, níveis e modalidades de ensino, a identificação dos (as) alunos (as) com altas habilidades ou superdotação; 4.7) garantir a oferta de educação bilíngue, em Língua Brasileira de Sinais - LIBRAS como primeira língua e na modalidade escrita da Língua Portuguesa como segunda língua, aos (às) alunos (as) surdos e com deficiência auditiva de 0 (zero) a 17 (dezesete) anos, em escolas e classes bilíngues e em escolas inclusivas, nos termos do art. 22 do Decreto nº 5.626, de 22 de dezembro de 2005, e dos arts. 24 e 30 da Convenção sobre os Direitos das Pessoas com Deficiência, bem como a adoção do Sistema Braille de leitura para cegos e surdos-cegos; 4.8) garantir a oferta de educação inclusiva, vedada a exclusão do ensino regular sob alegação de deficiência e promovida a articulação pedagógica entre o ensino regular e o atendimento educacional especializado; 4.9) fortalecer o acompanhamento e o monitoramento do acesso à escola e ao atendimento educacional especializado, bem como da permanência e do desenvolvimento escolar dos (as) alunos (as) com deficiência, transtornos globais do desenvolvimento e altas habilidades ou superdotação beneficiários (as) de programas de transferência de renda, juntamente com o combate às situações de discriminação, preconceito e violência, com vistas ao estabelecimento de condições adequadas para o sucesso educacional, em colaboração com as famílias e com os órgãos públicos de assistência social, saúde e proteção à infância, à adolescência e à juventude; 4.10) fomentar pesquisas voltadas para o desenvolvimento de metodologias, materiais didáticos, equipamentos e recursos de tecnologia assistiva, com vistas à promoção do ensino e da aprendizagem, bem como das condições de acessibilidade dos (as) estudantes com deficiência, transtornos globais do desenvolvimento e altas habilidades ou superdotação[...] (BRASIL, 2014).

É de fundamental importância que o poder público tenha uma preocupação com relação à garantia dos direitos educacionais de crianças com transtornos globais de desenvolvimento. Nesse contexto, a criança com TEA não só pode, como deve estar matriculada em escolas regulares de ensino, como também em salas de Atendimento Educacional Especializado (AEE). Embora haja várias discussões acerca da temática, é fundamental a adoção de uma política educativa inclusiva que possa suprir e garantir à criança com necessidades especiais o direito à educação.

Algumas escolas já contam com a sala de recursos multifuncionais para a realização do Atendimento Educacional Especializado (AEE), disponibilizado no contraturno das aulas. É nesse ambiente onde um profissional da educação especializado irá atuar como mediador entre o estudante que necessita de uma educação especial, seus familiares e o professor do ensino regular, com o objetivo primordial de promover a autonomia dessas crianças, isto dentro e fora do âmbito escolar.

As salas de recursos multifuncionais devem dispor de materiais pedagógicos que auxiliem no processo de aprendizagem, a começar pelo espaço físico que necessita de mobiliário acessível (armários e estantes na altura das crianças, mesas redondas e cadeiras). Essas salas também deveriam possuir recursos de tecnologia assistiva, jogos pedagógicos, laptop, software para Comunicação Alternativa e Aumentativa (CAA), teclado adaptado, impressora braille, scanner com voz, lupa eletrônica e alfabeto móvel. Essa variedade de recursos é fundamental para que se possa atender crianças com diversos tipos de deficiência, o que proporciona um olhar de singularidade para cada uma delas.

Se essa organização ocorre de acordo com um único tipo de deficiência, acaba por enfatizar o impedimento em si ao invés das necessidades de aprendizado. Em algumas escolas públicas a maioria dos professores têm que se desdobrar, isto pela falta desses recursos específicos. Então eles criam materiais que possam auxiliá-los nesse processo de mediação, ao exemplo de alguns jogos que podem ser feitos com os materiais de papelaria existentes na própria escola, ou até mesmo com a utilização de materiais recicláveis.

No caso da criança com TEA, alguns jogos podem ter muita relevância para seu desenvolvimento, visto que nesse momento acontece a interação com outras crianças. A vivência escolar como um todo é de fundamental importância, pois é nesse ambiente de relacionamentos interpessoais que a criança com TEA tem plenas condições de um desenvolvimento mais abrangente (CUNHA e ARAÚJO, 2021, p. 32).

No Brasil existem grandes programas educativos voltados para o TEA, porém sempre existem muitas falhas com a disponibilidade do procedimento para a população. Nesse sentido, as políticas públicas são essenciais para a garantia do funcionamento desses programas já existentes, como também para a criação de novos. No final de 2012, alguns dos direitos das pessoas diagnosticadas com TEA passaram a ser assegurados pela lei 12.764, intitulada de “Política Nacional de Proteção dos Direitos da Pessoa com Transtorno do Espectro Autista”. De maneira concisa, a lei 12.764 reconhece que as pessoas com TEA têm os mesmos direitos que os outros pacientes com necessidades especiais no Brasil.

Desse modo, a criação dessa lei teve enfoque em igualar a segurança, com interesse de incluir as crianças com TEA juntamente das outras crianças e adultos com necessidades educacionais especiais. Essa legislação procura garantir que crianças com TEA tenham o direito de frequentar escolas de ensino regular e que se houver a necessidade essa criança possa ter um acompanhante nesse ambiente. À vista disso, a família da criança diagnosticada com TEA tem a possibilidade de escolher em qual instituição seu filho vai ingressar, independentemente de ser uma escola pública ou privada na qual se tenha a oferta do atendimento educacional necessário para a criança ou o acompanhamento especial conforme a necessidade da mesma.

Apesar de falarmos muito em inclusão, notoriamente estamos muito distantes disso, atualmente muitas escolas de ensino regular não têm a preparação adequada para receber crianças com algum tipo de necessidade educacional especial, seja deficiência física, intelectual, visual, auditiva ou até mesmo crianças com o transtorno do espectro autista. É imprescindível que essas crianças sejam acompanhadas tanto por seu professor de ensino regular como dos demais profissionais que estejam preparados para trabalhar em cima das dificuldades para que possa atender as necessidades dessas crianças.

Para que a inclusão aconteça de fato, é necessário que se crie a possibilidade de se enxergar as diferenças presentes em cada criança de forma harmônica. A inclusão deve ser algo construtivo, que se adapte às práticas pedagógicas e às necessidades de cada criança. Esse é o grande desafio, uma vez que as escolas tendem a ir em busca de um trabalho homogêneo, para facilitar muitas vezes o trabalho do professor. Há uma crença de que em uma sala de aula homogênea se tem uma aprendizagem mais satisfatória, deixando de lado a importância da inclusão e seus fundamentos.

Em contrapartida, sabemos da importância que se tem a inclusão para as crianças com necessidades educacionais especiais, pois é fundamental que elas se sintam integrantes da prática educacional. Desse modo, cabe à escola adaptar sua estrutura e seu trabalho de acordo com a legislação que rege os parâmetros da educação especial, para que então se tenha uma contribuição efetiva para a aprendizagem, e também para que se torne viável os trabalhos desenvolvidos em sala de aula.

É relevante salientar a importância que se tem da família para o desenvolvimento psicológico e social da criança com TEA, o que muitas vezes acontece é que as “famílias mudam muito sua qualidade de vida ou mesmo o próprio estilo de vida, principalmente aquelas que apresentam indivíduos com transtorno do espectro autista” (CUNHA e ARAÚJO, 2021, p. 35). Essas famílias por muitas vezes se privam de momentos importantes, nos mais

variados aspectos, seja no trabalho, nos estudos, no lazer dentre outros, ou seja, esses familiares dedicam todo seu tempo para cuidar e apoiar seus filhos.

Contudo, é importante que a criança esteja integrada em um ambiente familiar sadio, em que os pais conversem e analisem os questionamentos e os problemas dessas crianças, para que possam ir em busca desde cedo de terapias adequadas, para cada necessidade apresentada de acordo com o seu desenvolvimento, desde a infância até a vida adulta, pois um diagnóstico e uma abordagem precoce irá refletir na melhora do relacionamento familiar e consequentemente nos relacionamentos com colegas, amigos e professores.

Assim a família se caracteriza como peça fundamental para o desenvolvimento da criança com TEA, então é essencial que os pais procurem ultrapassar barreiras, para que possam vencer os momentos difíceis, que possam vir a acontecer, como também ir em busca de alternativas terapêuticas que auxiliam no desenvolvimento cognitivo, na aprendizagem, em todos os ambientes, seja no escolar, no convívio social e do dia a dia com a rotina familiar.

Diante de todo o percurso histórico e de inclusão do TEA na sociedade, vemos a grande importância que se têm de conhecermos tal temática, a princípio para que se tenha uma garantia do cumprimento das leis que protegem e amparam as pessoas que estão no espectro. É necessário que se tenha em mente a importância do diagnóstico, pois é a partir dele que a criança pode ter um atendimento especializado de acordo com a sua necessidade, também devemos reconhecer a potencialidade dessas crianças, o seu valor e suas individualidades.

No contexto atual, mesmo com as legislações sobre a educação inclusiva, que garantem o direito dessas crianças estarem presentes no ambiente escolar, mas esses ambientes ainda não estão preparados e adaptados para o recebimento da criança com TEA, as escolas não contam com infraestrutura adequada, ou com materiais pedagógicos e também falta profissionais da educação capacitados para desenvolver um trabalho adequado para cada criança.

[...] A educação inclusiva de pessoas com autismo precisa ser encarada não apenas como uma deficiência, mas deve ser vista como possibilidade para novas atitudes dos profissionais em relação às diferenças apresentadas por cada um, valorizando e respeitando suas necessidades e capacidades de acordo com suas limitações (CUNHA e ARAÚJO, 2021, p. 35).

Dessa forma, é perceptível que a uma necessidade do cumprimento das políticas educacionais para educação especial, como também da criação de uma nova política que garanta docentes e terapeutas capacitados para o atendimento dessas crianças diagnosticadas

com TEA, principalmente no ambiente escolar, onde essas possam se sentirem envolvidas com tais profissionais, tendo o acompanhamento juntamente com a família, para que suas habilidades e capacidades de autonomia sejam desenvolvidas.

2.2 Características, incidência e diagnóstico do Transtorno do Espectro Autista (TEA)

O Transtorno Espectro Autista (TEA) é uma síndrome neuropsiquiátrica que possui características que se condizem com os Transtornos Globais do Desenvolvimento (TGD), tendo seu início na primeira infância, de forma crônica, afetando os aspectos do desenvolvimento infantil (BRASIL, 2013 apud CUNHA e ARAÚJO, 2021, p. 31). A criança que está dentro do espectro autista carrega consigo alguns impedimentos crônicos nas áreas de interação social, comunicação verbal e não verbal e interesses, essas são as principais características do Transtorno Espectro Autista (TEA), é importante ressaltar que dentre essas áreas, a mais afetada é a da interação social. No entanto, com estímulos adequados a pessoa com TEA pode ter a total capacidade de desempenhar o papel social de maneira adequada.

O Transtorno do Espectro Autista (TEA), trata-se de transtornos do neurodesenvolvimento, que acarretam em condições neurobiológicas que afetam a função cerebral, por consequência afetam o desenvolvimento da criança, sendo capaz de prejudicar a cognição, a comunicação, a linguagem, a coordenação, a atenção, a socialização, o comportamento, a aprendizagem e a autonomia.

É possível identificar as primeiras características do TEA já nos primeiros meses de vida da criança. Os bebês que estão dentro do espectro autista apresentam certo déficit no que desrespeito ao comportamento social, tendo tendência a evitar contato visual, não se interessam pela voz humana, e geralmente não têm uma postura antecipatória. Outra característica do TEA é que algumas crianças têm o início do desenvolvimento normal, e logo depois acontece uma interrupção e esse desenvolvimento social sofre uma regressão e essa criança pode parar de falar, de brincar funcionalmente, e de acenar.

Nessa fase pode-se observar que algumas crianças com TEA limitam-se a atos repetitivos e estereotipados, como enfileirar ou empilhar brinquedos e objetos, organizar esses mesmos usando padrões, de cor, formato ou tamanho. Também pode ocorrer um fascínio por sons, luzes ou até mesmo por algum movimento, essa fascinação acaba por despertar um interesse muito grande a ponto de impedir o desenvolvimento, ficando restrito apenas aos itens de sua preferência.

Texturas, cheiros, formatos ou as cores de um objeto também podem desencadear um interesse específico na criança com TEA. Além disso, mudanças na rotina diária dessas crianças podem despertar uma irritabilidade, pois essas mudanças tendem a causar um incômodo. Grande parte dessas crianças são relutantes quando o assunto é aprender ou praticar uma nova atividade, o que gera uma dificuldade para a adaptação da criança ao adentrar em um programa de intervenção.

Com o aumento dos estudos sobre o TEA no decorrer das últimas décadas, têm-se tido um maior acesso a informações a respeito dos sintomas, o que leva os pais a ir em busca do diagnóstico para seus filhos, o que por sua vez aumenta o número de crianças diagnosticadas com o Transtorno do Espectro Autista. A incidência do TEA, têm sido cada vez mais alta em todas as regiões em volta do mundo, sendo os meninos mais afetados que as meninas, de acordo com os dados da União das Nações Unidas (ONU), a cada cinco crianças com TEA, apenas uma é do sexo feminino (SOUZA, 2018).

Mesmo com os vários estudos e pesquisas acerca do TEA, ainda não se é possível afirmar de maneira precisa o fator responsável por sua causa. O transtorno do espectro autista não tem distinção de etnias ou de classes sociais, ele engloba a todos equitativamente. A intercorrência na preponderância de TEA entre crianças com distintas características raciais, étnicas e geográficas, salienta a relevância de estudos sobre as causas dessa intercorrência, uma vez que ainda não se sabe ao certo a causa do TEA. Na perspectiva de Ferreira (2014), “[...] tudo indica que na origem estão mutações em vários genes diferentes e que é muito difícil diagnosticar logo quando o indivíduo nasce se ele vai desenvolver alguma forma de autismo” (apud CUNHA e ARAÚJO, 2021, p. 31).

O Centro de Controle de Doenças e Prevenção (CDC) dos EUA fez o lançamento de um novo documento que atualizou os dados sobre a incidência do TEA em 2 dezembro de 2021. Em seu relatório o CDC mostra que uma em cada quarenta e quatro crianças aos 8 anos de idade é diagnosticada com o Transtorno do Espectro Autista, segundo dados coletados no ano de 2018 em 11 estados norte-americanos.

A incidência de crianças com TEA tem crescido gradativamente no decorrer dos anos. No ano de 2004, foi publicado pelo CDC que uma em cada 166 crianças era diagnosticada com TEA. Em 2012, uma em 88 crianças. Em 2018, passou a ser uma em 59 crianças. Já em sua última publicação em 2020, a incidência era de uma em 54 crianças. Ainda não é possível afirmar ao certo se o número de crianças com TEA verdadeiramente vem se ampliando ou se seria tão-somente o número de diagnósticos corretos estão crescendo.

A facilitação do acesso ao diagnóstico, à grande gama de informações que todos têm a seu alcance, juntamente ao aprimoramento dos profissionais tanto da educação quanto da saúde tendem a aumentar o número de diagnósticos corretos, isso faz com que a incidência seja maior pelo fato do diagnóstico vir cada vez mais cedo.

Esse diagnóstico precoce é extremamente importante, a fim de que a criança tenha o acompanhamento e a intervenção adequada, para que ela possa desenvolver as mais diversas habilidades com o intuito de se tornar um adulto independente. No ponto de vista de STEFFEN et al (2019):

Assim, um prognóstico favorável será possível por meio da adoção do tratamento antes da cristalização dos sintomas. Entretanto, apesar dos grandes avanços nos estudos, muitas crianças ainda continuam por muitos anos sem um diagnóstico ou com diagnósticos inadequados, devido ao grande prejuízo em termos de capacitação e conhecimento profissional. Assim, profissionais da saúde, educação e outras áreas relacionadas, que possuem a infância como foco, devem estar cada vez mais preparados para se deparar com casos de autismo nas suas práticas, sendo de extrema importância o conhecimento do tema para identificação dos sinais, diagnóstico e intervenção precoce (STEFFEN et al, 2019, p. 03).

O diagnóstico do Transtorno do Espectro Autista se baseia particularmente no quadro clínico da criança, isso acontece devido à falta de um marcador biológico que singularize o TEA, dessa maneira, o diagnóstico é especificado a partir de uma série de parâmetros comportamentais. Segundo STEFFEN et al (2019):

Os sintomas que devem ser observados para a suspeita do autismo incluem contato visual anormal, falta de orientação para o nome, falta de uso de gestos para apontar e ou mostrar, falta de brincadeiras interativas, falta de sorriso, falta de compartilhar e falta de interesse em outras crianças. Sendo que, atrasos combinados de linguagem e sociais e regressão dos marcos de linguagem ou sociais são alertas precoces importantes a uma avaliação imediata (STEFFEN et al, 2019, p. 03).

Os critérios para diagnóstico do Transtorno do Espectro Autista (TEA) foram estabelecidos pela DSM-V, esses estão evidenciados na tabela apresentada por STEFFEN et al (2019), e expostas na publicação da *American Psychiatric Association* (2014):

DSM - V: Critérios diagnósticos dos Transtornos do Espectro Autista 299.00 (F84.0)

Critério	Características
A	<p>Deficiências persistentes na comunicação e interação social:</p> <ol style="list-style-type: none"> 1. Limitação na reciprocidade social e emocional; 2. Limitação nos comportamentos de comunicação não verbal utilizados para interação social; 3. Limitação em iniciar, manter e entender relacionamentos, variando de dificuldades com adaptação de comportamento para se ajustar às diversas situações sociais.
B	<p>Padrões restritos e repetitivos de comportamento, interesses ou atividades, manifestadas pelo menos por dois dos seguintes aspectos observados ou pela história clínica:</p> <ol style="list-style-type: none"> 1. Movimentos repetitivos e estereotipados no uso de objetos ou fala; 2. Insistência nas mesmas coisas, aderência inflexível às rotinas ou padrões ritualísticos de comportamentos verbais e não verbais; 3. Interesses restritos que são anormais na intensidade e foco; 4. Hiper ou hiporreativo a estímulos sensoriais do ambiente
C	<p>Os sintomas devem estar presentes nas primeiras etapas do desenvolvimento. Eles podem não estar totalmente manifestos até que a demanda social exceder suas capacidades ou podem ficar mascarados por algumas estratégias de aprendizado ao longo da vida.</p>
D	<p>Os sintomas causam prejuízo clinicamente significativo nas áreas social, ocupacional ou outras áreas importantes de funcionamento atual do paciente.</p>
E	<p>Esses distúrbios não são melhores explicados por deficiência cognitiva ou atraso global do desenvolvimento.</p>

(Apud STEFFEN et al, 2019, p. 03)

Para as crianças diagnosticadas com TEA não existe cura, contudo é possível que essa criança desenvolva suas habilidades motoras, de comunicação e de socialização, isto se torna viável através de intervenções. O diagnóstico precoce é primordial para o desenvolvimento dessas crianças, pois com as intervenções promovidas até os primeiros três anos de vida da

criança existe um grande potencial de mudar a trajetória do seu desenvolvimento. Após os 36 meses de idade, os prognósticos têm uma tendência a serem desfavoráveis, em consequência de que a criança tenha uma maior dificuldade de adaptação após essa idade.

Dessa forma, se faz necessário que os profissionais da educação e da saúde sejam bem qualificados, para poder se alertar a qualquer sinalização da criança para o Transtorno do Espectro Autista, para que essa tenha acesso ao diagnóstico de maneira precoce, pois o diagnóstico precoce leva a intervenção precoce, que por sua vez terá fundamental relevância para o desenvolvimento da criança com TEA, ou seja, a intervenção na idade adequada (até os primeiros 3 anos de vida) irá refletir diretamente na vida adulta do indivíduo.

A criança diagnosticada com TEA deve encontrar na escola um ambiente acolhedor, e mais que isso, que proporcione o seu desenvolvimento cognitivo, motor, comunicativo e social. Apesar de algumas escolas não estarem preparadas, o que vai realmente definir a capacidade de adaptação da criança é o interesse, o empenho e a dedicação dos profissionais que passaram a conviver com ela. E quanto mais nova essa criança passar a frequentar o ambiente escolar, mais fácil será essa adaptação.

Existem alguns pontos que também são importantes para a adaptação dessa criança no ambiente escolar, o primeiro é o estabelecimento de uma rotina na escola. É importante que ela saiba exatamente o que irá acontecer, para isso a professora pode montar um cartaz com imagens ou fotos da rotina e deixar em um local visível e de fácil acesso, ao alcance da criança. Outro ponto importante é o da comunicação entre a escola e a família dessa criança, que deve ser diária e de forma direta. Também é necessário que os profissionais da escola conheçam as necessidades educacionais da criança e os seus interesses. A escola deve se envolver de fato com o grau de dificuldade da criança, em alguns casos, será necessário que haja uma mudança na metodologia de ensino e de avaliação utilizada, para que a mesma se adeque às necessidades da criança.

É importante salientar que toda criança tem o direito de frequentar o ensino regular e todas as escolas devem realizar sua matrícula. Em alguns casos quando o grau do TEA é severo ou quando a criança apresenta problemas comportamentais graves, elas acabam não conseguindo se adaptar ao ensino regular, isso acontece geralmente quando ela não recebe o acompanhamento profissional adequado, pois as abordagens através do acompanhamento especializado são peças chave tanto para a adaptação dessa criança na escola, como para seu desenvolvimento.

2.3 O Manual Diagnóstico e Estatístico dos Transtornos Mentais (DSM) e os níveis do Transtorno do Espectro Autista (TEA)

O Manual Diagnóstico e Estatístico dos Transtornos Mentais (DSM) alterou os critérios para o diagnóstico e estabeleceu níveis de intensidade para o Transtorno do Espectro Autista (TEA). Segundo o DSM existem alguns comportamentos específicos que caracterizam e classificam o TEA. Em sua última edição, foram realizadas algumas alterações nos critérios de diagnóstico do TEA.

O DSM-V realizou a combinação de quatro diagnósticos em um único diagnóstico, sendo eles o Transtorno Autista; a Síndrome de Asperger; o Transtorno Invasivo do Desenvolvimento e o Transtorno Desintegrativo da Infância, essa junção em apenas um único diagnóstico foi denominado de Transtorno do Espectro Autista, ou TEA. Essa mudança se deu pelo fato de que os quatro diagnósticos estão incluídos no espectro e denotam características comportamentais semelhantes, divergentes apenas em seus níveis de gravidade. Atualmente o diagnóstico do TEA é categorizado por níveis de intensidade dos sintomas, como as dificuldades na comunicação, nas habilidades sociais e nos comportamentos restritos e repetitivos.

Com o surgimento desse manual, a primeira mudança se refere à nomenclatura, ou seja, o Autismo, até antes da idealização do DSM-IV fazia parte de um grande grupo chamado “Transtornos Globais do Desenvolvimento”, dos quais faziam parte os subgrupos i) Transtorno Autista, ii) Transtorno Desintegrativo da Infância, iii) Transtorno generalizado do desenvolvimento não especificado (PDD-NOS), e iv) Síndrome de Asperger, que fundiram-se em um único diagnóstico chamado Transtorno do Espectro Autista – TEA. Este manual está em sua quinta edição e é usado por médicos com objetivo de fornecer critérios precisos na elaboração diagnóstica no campo da saúde mental (SOUZA, 2018, p. 15).

Com as transformações a respeito do diagnóstico do TEA por meio do Manual Diagnóstico e Estatístico dos Transtornos Mentais - DSM, essas mudanças trouxeram os níveis de intensidade do TEA. Os níveis de TEA possibilitam que o diagnóstico seja mais claro, proporcionando identificar o nível de gravidade dos sintomas. Vale ressaltar que os níveis do TEA são referentes ao quanto a criança necessita de apoio para realizar determinadas atividades.

Quanto aos critérios em que se baseiam esses níveis de gravidade e acometimento o que é levado em consideração é a quantidade de apoio necessário para contemplar as necessidades de cada indivíduo, considerando as dificuldades na comunicação, nos interesses restritos e comportamentos repetitivos (SOUZA, 2018, p. 15).

Existem três níveis distintos de TEA, que equivalem à gravidade dos sintomas que acometem as habilidades sociais e o comportamento das pessoas com TEA. As pessoas que se enquadram no nível I (síndrome de Asperger) do TEA, também conhecido como autismo leve, por seus sintomas não serem graves, podem apresentar dificuldade em situações sociais, comportamentos restritivos e repetitivos, mas necessitam de suporte mínimo para auxiliá-las em suas atividades diárias.

O fato da criança apresentar o interesse restrito em algumas atividades, causa a tendência da permanência nessas determinadas atividades por períodos prolongados. O hiperfoco causa resistência quando se há a necessidade de mudar a atividade que está sendo realizada, podendo ser brincadeiras ou até mesmo alguns jogos. Nesse caso, é importante que haja alterações na organização e no planejamento, visto que, pode causar prejuízo na busca da autonomia e da independência dessa criança.

Elas têm a total capacidade de se comunicar verbalmente e de ter alguns relacionamentos. Contudo, ainda podem ter dificuldades em manter uma conversa e também em fazer e manter amizades, “ocasionalmente oferecem respostas inconsistentes nas tentativas de interação por parte do outro, aparentemente demonstram não ter interesse em se relacionar com outras pessoas, tendo alguns comportamentos disfuncionais” (SOUZA, 2018). Geralmente têm preferência em seguir rotinas estabelecidas e tendem a se sentirem desconfortáveis com mudanças ou eventos inesperados, elas também têm seu próprio modo de realizar certas atividades. Segundo os autores FEZER, 2017 e SOUZA, 2019 “nesse nível de autismo, o nível de ajuda é pouco, porém na ausência de apoio os déficits causam prejuízos notáveis” (Apud ARAÚJO, 2022).

[...] O Nível I síndrome de Asperger, conhecido como autismo leve, mais comum em pessoas do sexo masculino e quando não identificada na infância em sua fase adulta pode desenvolver quadros de ansiedade e depressão com maior facilidade. As crianças apresentam dificuldades para dar início à relação social com outras pessoas, podendo apresentar pouco interesse em relacionar-se com os demais indivíduos, podem apresentar respostas atípicas ou até mesmo insucessos a aberturas sociais (ARAÚJO et al, 2022).

O nível II do TEA é denominado de autismo moderado, seus sintomas são um pouco mais graves que o nível I, desse modo precisam de mais suporte. Esse é o nível intermediário do TEA referente a gravidade dos sintomas e ao apoio necessário para executar atividades do dia a dia. Apresentam uma dificuldade maior com habilidades sociais, em comparação com as que estão no nível I.

Alguns conseguem se comunicar verbalmente e outros não, mas no geral suas conversas são curtas ou apenas sobre assuntos específicos. É perceptível e evidente o prejuízo social em razão à pouca tentativa ou quase nenhuma de iniciar uma interação social com as demais crianças. E quando outra criança inicia o diálogo, as respostas, frequentemente, apresentam-se reduzidas ou atípicas. Assim, podem necessitar de apoio ao participar de atividades sociais.

É mais atípico o comportamento não verbal de crianças com esse nível de TEA, elas podem não olhar nos olhos das pessoas enquanto conversam, de modo geral tendem a não fazer muito contato visual, não conseguem expressar suas emoções pela fala ou por expressões faciais e nem as identificam em outras pessoas.

Assim como no nível leve de TEA, elas também apresentam comportamentos restritivos e repetitivos, com nível maior de gravidade. Da mesma maneira que as com nível leve, gostam de seguir suas rotinas e se por acaso acontecer algum fator que a interrompa, pode gerar perturbação e/ou desconforto, ou seja pode ocasionar uma desorganização comportamental e sensorial, o que leva a criança a apresentar crises nervosas e acessos de raiva. Essa inflexibilidade no comportamento, bem como, a resistência na mudança da rotina, levam aos pais a evitar determinadas mudanças imprevisíveis, devido a criança ter certa adversidade em lidar com variações bruscas em sua rotina.

O nível 2, categorizado por transtorno invasivo do desenvolvimento conhecido como autismo moderado, é caracterizado pelo fato de que os portadores desse tipo de autismo apresenta-se um nível pouco mais grave de deficiência nas relações sociais possuindo alguns sinais característicos como dificuldade interação e na comunicação verbal e não verbal. Mesmo com a presença de apoio tendem a apresentar limitações em interações sociais, apresentam dificuldades para modificar o foco de suas ações (ARAÚJO et al, 2022).

A criança com TEA apresenta uma demanda sensorial significativa, o que gera a

necessidade de realizar terapias de integração sensorial. Essas terapias irão auxiliar diretamente em habilidades de organização, de interpretar sensações e de responder convenientemente ao ambiente, auxiliando nas atividades diárias. Crianças com o nível II de TEA podem ter reações fora do habitual ao se depararem com determinados sons, texturas, cheiros, estímulos visuais e paladar. Alguns estímulos que aparentemente são comuns, prazerosos e satisfatórios para as demais pessoas que estão fora do espectro, podem ser percebidos como algo extremamente estressante, e que causam medo e ansiedade para o indivíduo com TEA.

Crianças autistas com problemas sensoriais apresentam dificuldade em interpretar e organizar as informações sensoriais vindas do seu próprio corpo ou do ambiente. Para evitar que ocorra a crise nervosa ou acesso de raiva, essas crianças necessitam de organização e previsibilidade, pois a criança naquele dia de terapia, terá o seu rendimento prejudicado, devido ao tênue limiar de frustração, sendo assim, tem dificuldade em lidar com o novo e com o desconhecido (SOUZA, 2018, p. 17).

Já no nível III, chamado de severo, as crianças necessitam de um apoio ainda mais significativo, pelo fato deste ser o nível em que os sintomas são bem mais agravados que nos demais níveis. As crianças com TEA que se encontram neste nível, apresentam uma maior dificuldade na comunicação e em suas habilidades sociais, também têm comportamentos restritivos e repetitivos como balanço e ecolalia, mas nesse caso esses comportamentos podem comprometer a sua autonomia de forma significativa, ou seja atrapalham na independência para realização das atividades cotidianas.

Posto que, algumas pessoas com nível severo de TEA, conseguem se comunicar verbalmente, entretanto também existem uma parcela maior de pessoas que não falam ou que utilizam de poucas palavras para se comunicar. Também tendem a não lidar muito bem com eventos inesperados, que não estejam dentro de sua rotina. Para SOUZA, 2019 e ZANON, 2017, “é notório nessas pessoas graves dificuldades em lidar com as mudanças, o foco de suas ações e com comportamentos repetitivos” (Apud ARAÚJO, 2022.). Algumas dessas pessoas que têm o diagnóstico de autismo severo podem ser extremamente ou pouco sensíveis a determinados estímulos sensoriais. Em razão da gravidade dos sintomas neste nível, essas pessoas precisam de muito mais apoio e suporte para aprender habilidades importantes para a vida cotidiana do que nos outros níveis.

O nível 3, último nível é o transtorno autista propriamente dito, é caracterizado como autismo severo podendo perder habilidade de comunicação, interação social e

linguística, com poucas chances de recuperação, as pessoas diagnosticadas com esse grau de autismo, necessitam ainda mais de suporte, apresentam déficits bem mais graves em relação a comunicação verbal e não verbal, dificuldades bem evidentes de iniciar algum tipo de interação social, podendo apresentar um atraso cognitivo, e deficiência intelectual[...] (ARAÚJO et al, 2022).

É de fundamental importância entendermos que, não importa o nível de TEA que acometa a criança, seja ele leve, moderado ou severo, é necessário que ela tenha o devido acompanhamento, ou seja, o apoio específico para o desenvolvimento de suas habilidades, pois no geral a diferença se encontra nos sintomas, sendo uns mais leves e sutis que outros. Bem como, a quantidade de terapias e de intervenções no dia a dia, e o longo tempo empregado a essas abordagens, outro fator importante e considerável é a necessidade da utilização de remédios que auxiliam minimizando os sintomas, os comportamentos disruptivos, os movimentos estereotipados, entre outros, variando de acordo com o nível do TEA (SOUZA, 2018).

Vale ainda ressaltar que não existe medicamento para o TEA, contudo, o seu uso é fundamental para amenizar os sintomas. A prescrição e avaliação dos medicamentos é restrita, sendo assim, só pode ser feita por um médico especialista.

Por fim, o mais relevante é a compreensão de que independentemente do nível de acometimento do TEA em que a criança esteja incluída, é imprescindível e indispensável que ela tenha a garantia dos devidos cuidados em conformidade com suas necessidades específicas.

2.4 O Transtorno do Espectro Autista (TEA) e o Processo de Ensino Aprendizagem

Tido como um distúrbio do desenvolvimento, o Transtorno do Espectro Autista (TEA) se caracteriza como espectro pelo fato de que os seus sintomas podem variar de criança para criança, dependendo do nível de acometimento. O TEA geralmente se manifesta até os 3 anos de idade e compromete o desenvolvimento habitual da criança, afetando principalmente as habilidades comunicativas e sociais, comprometendo também o comportamento, essas adversidades fazem com que algumas crianças tenham algumas limitações no processo de aprendizagem.

É fundamental que as terapias estejam alinhadas com a sala de aula, pois elas, unidas com as práticas pedagógicas direcionadas pelos docentes, proporcionaram que crianças que

são acometidas por esse distúrbio tenham uma educação inclusiva de qualidade. O processo de Ensino Aprendizagem da criança com TEA é desafiador para os profissionais da educação, principalmente com o uso de uma metodologia tradicionalista, pois o ideal para a aprendizagem da criança com TEA é que o docente utilize de ferramentas estratégicas para transmitir o conhecimento aos alunos. Para isso é fundamental que o docente busque conhecer e entender o TEA e também sobre quais as melhores estratégias para promover a aprendizagem para essas crianças, bem como as possíveis intervenções que podem contribuir com esse processo educativo.

Os indivíduos diagnosticados com Transtornos do Espectro Autista podem se destacar em habilidades visuais, música, arte e matemática, a maioria das pessoas com autismo é boa em aprender visualmente, outras são muito atentas aos detalhes e à exatidão. Alguns possuem capacidade de memória acima da média, na maioria dos indivíduos atípicos as informações, rotinas ou processos de aprendizagens uma vez aprendidos, sejam retidos no seu inconsciente (SOUZA, 2018, p, 19).

É importante que o desafio da aprendizagem dessas crianças, funcionem como impulso para a busca de conhecimento sobre o TEA, por parte dos docentes, pois a capacitação é essencial para que o processo de ensino aprendizagem seja da melhor forma possível. O conhecimento a respeito das ferramentas de intervenção torna a escolarização das crianças com TEA possível, pois é a partir delas que lhes serão ofertadas oportunidades para que o processo de ensino aprendizagem ocorra de forma mais eficiente.

[...] A inclusão das pessoas com autismo na sala de aula é um processo de construção que impõe uma reorganização do ensino. Isto implica a adoção de uma política que contemple a formação de professores, currículo natural adaptável fundamentado na perspectiva do desenvolvimento da linguagem, pois esta exerce papel fundamental para a elaboração do pensamento e das funções superiores (VYGOTSKY, 1991 Apud FONTENELE, 2018).

Devemos respeitar as particularidades e peculiaridades das crianças com TEA, não se pode exigir que elas socializem ou que falem de suas emoções. É dever do docente propor situações que incentivem a interação com os demais colegas, mas respeitando o tempo da criança. Para PAPERT, 1994; VALENTE, 1999; FREIRE E PRADO, 1998 “a abordagem que melhor atende aos estudantes com deficiência é a construcionista, porque valoriza cada um com suas peculiaridades ou dificuldades através de uma proposta educacional que respeite a

individualidade de cada sujeito (Apud FONTENELE, 2018.)”.

Cada criança é única e por isso precisam de uma intervenção que seja adequada para a sua necessidade específica, sendo assim, o docente pode precisar de ferramentas diferentes para o desenvolvimento da aprendizagem das crianças, visto que, suas necessidades educacionais se diferem uma das outras, além de seus interesses, dado que uma criança pode se interessar mais por números, já outra por algum personagem de desenho animado e o docente pode utilizar desses interesses para auxiliar o processo de ensino aprendizagem.

[...] Ser autista é uma condição de vida, eles aprendem por meios de estruturação e organização do ambiente, tudo deve ser previsível para o indivíduo autista. Não podemos limitar o ser humano, pois somos seres pensantes, sendo assim, temos que favorecer que essa aprendizagem do autista seja significativa, pois é necessário estruturar o ambiente de ensino, seja no espaço escolar, terapêutico ou familiar, para o indivíduo começar a dar respostas qualitativas ao que está sendo ensinado (SOUZA, 2018, p, 19).

É dever da escola estar devidamente preparada para receber crianças com TEA ou com alguma necessidade educacional especial. A escola deve procurar desenvolver a autonomia dessas crianças, como também a capacidade de ter pensamento crítico, de aprender e de tomar decisões. Desse modo, o currículo deve ser alinhado com as necessidades da criança, levando em consideração o contexto no qual ela está inserida. É importante também que a escola seja um ambiente de interação e socialização, é nesse ambiente que a criança vai descobrir as regras da sociedade a serem seguidas.

O desenvolvimento da aprendizagem da criança com TEA, não é responsabilidade somente da escola, mas também de seus familiares. Os pais devem contribuir com o acompanhamento das atividades, devem encorajar e criar situações para que a criança se comunique, além de serem responsáveis por levar a criança à terapia e administrar a medicação regularmente. De modo que, deve ser um trabalho em conjunto, pois dessa maneira a criança terá mais chances de ter sucesso no processo de aprendizagem e de desenvolver sua autonomia.

A criança com TEA pode superar suas dificuldades, mas para isso é necessário que haja um acompanhamento especializado, bem como o uso de ferramentas e de técnicas que estejam de acordo com a necessidade específica de cada criança. Tais ferramentas irão contribuir para o desenvolvimento das habilidades cognitivas e da capacidade de interagir socialmente em seu dia a dia. O processo de aprendizagem deve ser estimulado pelos

docentes, e principalmente pelos pais que têm um papel fundamental, visto que, são eles que convivem diariamente com a criança.

O processo de aprendizagem de uma criança com TEA pode demandar de mais tempo, em relação às demais crianças, por esse motivo requer calma, dedicação e empenho. Dessa forma, é fundamental compreender que cada criança tem seu tempo, e com a criança com TEA não é diferente. Os familiares e os docentes devem procurar incentivar as crianças, mostrando que elas são capazes de aprender, pois é importante que elas se sintam motivadas. A escola pode ser uma das maiores aliadas para o desenvolvimento de uma criança com TEA, pois é através da educação que essas crianças podem aprender tanto a ler e a escrever, como também atividades do dia a dia, desenvolvendo assim a sua autonomia. O processo de ensino aprendizagem da criança com TEA é desafiador, contudo é evidente que com esforço e dedicação de todos os envolvidos, essas crianças podem ter uma vida independente e de qualidade.

2.5 A Intervenção Psicopedagógica frente a criança com Transtorno do Espectro Autista (TEA)

O psicopedagogo antes de dar início às intervenções deve realizar uma investigação, para identificar a relação da criança com o processo de aprendizagem, seus interesses e dificuldades. Dessa forma, as intervenções irão se direcionar diretamente às causas dessas dificuldades, além ainda, do psicopedagogo orientar os demais profissionais envolvidos com a criança, tornando o processo de seu desenvolvimento mais prático.

É importante que o profissional considere o conhecimento que a criança já traz consigo, levando em consideração suas experiências, e acima de tudo respeitando suas limitações, para que assim possa estabelecer uma relação de confiança com a mesma. É essencial também que o psicopedagogo conheça as características da criança com TEA, para poder planejar intervenções que se direcionam às necessidades e os aspectos afetivos, cognitivos e comportamentais.

As crianças com TEA geralmente são vistas pela sociedade como incapazes de aprender, por esse motivo o TEA é tratado por muitas vezes como um adversário. Se a abordagem for realizada por um profissional que adota esse ponto de vista de que o TEA é um adversário, e em sua intervenção tratar a criança com TEA como se ela fosse “falha”, não apresentará resultados pertinentes para a criança. A intervenção conduzida de maneira errônea trará prejuízos, visto que não servirá para facilitar o processo de aprendizagem da criança.

Desse modo, a abordagem acaba por inferiorizar e prejudicar o desenvolvimento das crianças diagnosticadas com TEA. Para que isso não aconteça, é essencial que os profissionais que desenvolvem o trabalho com as intervenções e com estímulos para o desenvolvimento da criança com TEA, tenham a formação continuada para que possam proporcionar uma educação escolar inclusiva, de qualidade e para todos, com respeito a diversidade e as diferenças.

A intervenção psicopedagógica deve ser de caráter multidisciplinar, pelo fato de lidar diretamente com a complexibilidade dos problemas associados com a aprendizagem. É necessário que a intervenção seja realizada por meio de uma metodologia voltada para as necessidades da criança, no intuito de contribuir com o desenvolvimento da aprendizagem e de reduzir os altos índices de fracasso escolar e de exclusão social.

É importante que a intervenção psicopedagógica parta de um olhar de inclusão, que priorize um caráter terapêutico e sócio-educacional, e que apresente uma relação que possibilite o entendimento sobre a criança e o seu processo de desenvolvimento, através de uma ótica interdisciplinar, que engloba os espaços do âmbito pedagógico.

O diagnóstico precoce do TEA contribui para o desenvolvimento da criança, visto que, o processo de intervenção se iniciará também precocemente, visando prevenir futuros problemas relacionados à aprendizagem e a vida cotidiana.

A partir do diagnóstico psicopedagógico será possível identificar os obstáculos do desenvolvimento do processo de aprendizagem através de técnicas específicas de análise do discurso, das atitudes, da codificação de sintomas, da psicossomática da aprendizagem, da avaliação das intervenções, de suas variáveis, num processo constante de reavaliação dos mesmos em processos que não terminam (SILVEIRA, 2019 Apud COSTA; SANTOS, 2022, p. 13).

Dessa forma, o diagnóstico de crianças com TEA é de fundamental importância para que as intervenções clínicas terapêuticas possam contribuir para a inclusão dessa criança em sala de aula regular e que auxilie a equipe escolar a elaborar um Plano de Desenvolvimento Psicoeducacional Individual (PDPI), que contribua com o desenvolvimento da aprendizagem da criança. Pois, será por meio do PDPI que se constrói o planejamento no qual devem constar as metas e objetivos educacionais que será executado no ambiente escolar, com isso o docente poderá ter noção de quais modelos de intervenção serão necessários para o desenvolvimento dessa criança em sala de aula, isto, segundo os seus interesses, habilidades e dificuldades.

Para que possa haver essa contribuição, o psicopedagogo deve partir da perspectiva de reconhecer a presença de algum fenômeno inconsciente, ou seja, um fenômeno que não é identificado pela criança ou por sua família, do qual o reconhecimento requer de um profissional como o psicopedagogo, que fará de início uma análise por meio da anamnese, o que vai contribuir para a identificação.

A intervenção psicopedagógica frente ao TEA deve ter o objetivo de conduzir os comportamentos, intermediar ações e compreender o processo de desenvolvimento, com relação à sociedade e em conformidade com suas condições e limitações. Conseqüentemente, a intervenção psicopedagógica é de suma importância para as crianças diagnosticadas com TEA, pela razão de funcionar como multiplicador de ganhos da criança, sendo uma ferramenta fundamental para potencializar o desenvolvimento, com a busca por estratégias que transcendam as dificuldades dessas crianças.

3 METODOLOGIA

Ao longo deste trabalho, analisamos como a Psicopedagogia pode contribuir para o desenvolvimento da aprendizagem da criança com o Transtorno do Espectro do Autismo (TEA), para isso foi utilizado como procedimento técnico a pesquisa bibliográfica, realizada por meio de material já publicado como por exemplo, artigos, teses, entre outros. Tudo isso, com o intuito de ter uma construção efetiva no processo de investigação relacionado a tal temática.

O levantamento dos artigos, teses e estudos relacionados à temática foi realizado em sites de trabalhos acadêmicos, utilizando palavras chaves, como intervenções psicopedagógicas e TEA. E aplicando filtros de trabalhos dos últimos cinco anos e em português.

Já o critério de inclusão desses artigos, teses e estudos relacionados à temática, foi determinado a partir da análise do quadro de referências, onde foi dividido todos os estudos e exposto as seguintes categorias: título, autor, ano, objetivos, resultados e o link. Ao realizar essa análise mais profunda, foram filtrados quais destes englobam de fato o estudo acerca da Intervenção Psicopedagógica no desenvolvimento da aprendizagem de crianças com o Transtorno do Espectro Autista (TEA).

Foi aplicada uma abordagem de cunho qualitativo, onde ao estudar o objeto em questão buscamos ter a compreensão de como a intervenção psicopedagógica contribui para o desenvolvimento cognitivo da criança com TEA.

Para esse propósito, foi feita a análise de estudos de autores como Fontenele (2018); Souza (2018); Steffen et al. (2019); Cunha e Araújo (2021); dentre outros, que desenvolveram estudos que nos explicam como desenvolver um vínculo com as crianças com TEA, algumas intervenções psicopedagógicas, a importância do diagnóstico precoce, entre outras temáticas. Tomando esse direcionamento como base, nos aprofundaremos mais sobre quais as intervenções psicopedagógicas que os docentes, juntamente com a família, e todos os envolvidos com crianças com Transtorno Espectro Autista podem utilizar para desenvolver a mesma nos mais variados aspectos da vida.

4 RESULTADOS E DISCUSSÃO

O presente trabalho aborda sobre a intervenção psicopedagógica no desenvolvimento da aprendizagem da criança com Transtorno do Espectro Autista (TEA), com o objetivo de analisar como a Psicopedagogia pode contribuir para o desenvolvimento da aprendizagem da criança com TEA. A sua construção se deu por meio da utilização como procedimento técnico, a pesquisa bibliográfica realizada por meio de material acadêmico já publicado, com o intuito de ter uma construção efetiva no processo de investigação relacionado a tal temática.

O levantamento dos estudos relacionados à temática foi realizado em sites de trabalhos acadêmicos, utilizando palavras chaves, como intervenções psicopedagógicas e TEA. Após o levantamento desses trabalhos acadêmicos, foi realizada a montagem de quadros de referências, para que os trabalhos fossem analisados e filtrados de acordo com a temática que englobasse a construção do nosso estudo.

QUADROS DE REFERÊNCIAS

TÍTULO	A Atuação Do Psicopedagogo Frente À Criança Autista
AUTOR	Maria Cristina Galarce Machado
ANO	
OBJETIVOS	Apresentar informações baseada numa revisão de literatura para esclarecer a intervenção do psicopedagogo frente às crianças autista
RESULTADOS	O papel do psicopedagogo diante do diagnóstico de autismo é de tentar preparar ou remediar a falta de conhecimento familiar e educacional e contribuir na aquisição da aprendizagem, no desenvolvimento da autoestima e na formação da personalidade humana. Ajudando a criança autista a se sentir pertencente e inserida no contexto escolar, integrada na família e na sociedade; o psicopedagogo, por sua vez, sentirá que seu trabalho de intervenção será mais produtivo, causando assim o seu próprio bem-estar.
LINK	http://www.agapasm.com.br/Artigos/A%20atua%C3%A7%C3%A3o%20do%20Psicopedagogo%20frente%20%C3%A0%20crian%C3%A7a%20Autista!.pdf

TÍTULO	A Música Como Instrumento De Intervenção Psicopedagógica Em Crianças Com Transtorno Do Espectro Autista
AUTOR	Eidson Lima Damasceno ; Edivaldo Xavier da Silva Júnior

ANO	2018
OBJETIVOS	Compreender o processo educacional de crianças autistas na escola regular; investigar possíveis benefícios em utilizar a música como instrumento educacional e psicoterápico e, deduzir o impacto do uso da música no acompanhamento psicopedagógico de crianças com TEA.
RESULTADOS	A partir do estudo constatou-se que os impactos da utilização da música no atendimento de crianças com TEA são positivos pelo fato de servirem como estímulos para o aumento de conexões neurais e, conseqüentemente, fomentar a aquisição de habilidades físicas, cognitivas, socioemocionais, psicomotricidade fina, melhora na linguagem, entre outras habilidades que podem estar prejudicadas nas crianças com TEA.
LINK	https://www.researchgate.net/profile/Eidson-Damasceno-2/publication/335413376_A_MUSICA_COMO_INSTRUMENTO_DE_INTERVENCAO_PSIKOPEDAGOGICA_EM_CRIANCAS_COM_TRANSTORNO_DO_ESPECTRO_AUTISTA/links/5e5f0ccf4585152ce804f6a6/A-MUSICA-COMO-INSTRUMENTO-DE-INTERVENCAO-PSIKOPEDA_GOGICA-EM-CRIANCAS-COM-TRANSTORNO-DO-ESPECTRO-AUTISTA.pdf

TÍTULO	O Transtorno do Espectro do Autismo – Tea Numa Intervenção Psicopedagógica Com Os Recursos Educacionais Digitais
AUTOR	Maria Auxilene Venâncio Fontenele
ANO	2018
OBJETIVOS	Realizar uma intervenção psicopedagógica com um estudante com o Transtorno do Espectro do Autismo - TEA de modo a compreender a aprendizagem e comportamento da pessoa com autismo a partir da inserção dos Recursos Educacionais Digitais nesse processo de busca e conhecimento
RESULTADOS	O estudo sobre a temática e a intervenção com os Recursos Educacionais Digitais com uma criança autista contribuiu para uma compreensão acerca da aprendizagem e comportamento do estudante. O interesse da criança foi fundamental para escolha dos instrumentos e modelo de intervenção. Nesse momento foi valorizada a singularidade, subjetividade, vontade de aprender e interesse do estudante pela música. É imprescindível, então, que no atendimento à pessoa com autismo, a relação de dominação dê lugar a uma relação afetiva e isto só é possível quando o profissional reconhece que o estudante tem uma subjetividade e que esta deve ser valorizada.

LINK	https://www.editorarealize.com.br/editora/anais/conedu/2018/TRABALHO_EV117_MD_1_SA10_ID1802_01112018155445.pdf
------	---

TÍTULO	O Autismo E A Intervenção Psicopedagógica: Um Estudo De Caso
AUTOR	Érika Rodrigues Andrade de Souza
ANO	2018
OBJETIVOS	Relatar os avanços obtidos pela criança considerada durante as oitos sessões de atendimento em um período de dois meses. Analisando essa experiência, apresentaremos uma breve discussão sobre o Transtorno do Espectro do Autismo (TEA), bem como refletiremos sobre a importância da estimulação cognitiva na intervenção terapêutica multiprofissional nesses casos
RESULTADOS	Assim, concluímos que temos que ter manejo de comportamento, apropriarmos de metodologias e técnicas utilizadas para trabalhar as habilidades, pré requisitos necessários para eficácia da intervenção com o conseqüente avanço da criança no aspecto psicopedagógico, social, afetivo e linguístico
LINK	https://dspace.bc.uepb.edu.br/jspui/bitstream/123456789/21314/1/TCC%20-%20%20C3%89RIKA%20RODRIGUES%20ANDRADE%20DE%20SOUZA.pdf

TÍTULO	Diagnóstico Precoce De Autismo: Uma Revisão Literária
AUTOR	Bruna Freitas Steffen; Izabela Ferreira de Paula; Vanessa Morais Ferreira Martins; Mónica Luján López
ANO	2019
OBJETIVOS	Demonstrar a relevância da percepção dos sinais precoces, bem como, a intervenção de diversos profissionais da saúde para um adequado desenvolvimento cognitivo e social

RESULTADOS	<p>O diagnóstico precoce do TEA é um divisor de águas entre as crianças que irão conseguir uma maior autonomia futuramente e as que serão sempre dependentes de alguém. Quanto mais cedo for essa identificação mais ações de intervenção serão eficazes, visto que quanto mais tardia a percepção do autismo, mais consolidados estarão os sintomas.</p> <p>Após o início do tratamento, a maioria das crianças com autismo apresenta melhoras nos relacionamentos sociais, na comunicação e nas habilidades de autocuidado. Sabe-se que a ordem e a vida regrada são essenciais para o aprendizado diário dos autistas, e um acompanhamento adequado proporcionará que elas entendam suas próprias limitações e a limitação do outro em entendê-lo</p>
LINK	http://revistas.famp.edu.br/revistasaudemultidisciplinar/article/view/91/89

TÍTULO	Psicopedagogia: Um Estudo Sobre O Contexto Das Crianças Autistas
AUTOR	Helena Emília Dias Costa; Valerio Xavier dos Santos
ANO	2022
OBJETIVOS	<p>Analisar a atuação e importância psicopedagógica no contexto do Transtorno do Espectro Autista – TEA. Especificando em fazer uma reflexão acerca da importância da estimulação cognitiva na intervenção terapêutica nos casos de TEA. Apresentando uma discussão sobre o TEA. E analisando as dificuldades que uma criança autista apresenta nos aspectos cognitivo, social e linguístico</p>
RESULTADOS	<p>O profissional psicopedagogo deve ser um indivíduo que tem um conhecimento amplo acerca da criança, suas dificuldades e habilidades. A criança com Transtorno Espectro Autista demanda uma atenção especializada. Assim notamos que o psicopedagogo nesse contexto deve ser um pesquisador constante, para identificar e auxiliar essa criança em suas necessidades. A criação de um vínculo com a criança com TEA é fundamental para a construção do aprendizado. O profissional deverá utilizar modelos de intervenção segundo as habilidades e dificuldades da criança. O psicopedagogo deve estabelecer um vínculo afetivo com a criança, além de incentivar sua autonomia. Percebemos que o psicopedagogo atua com crianças com TEA tanto nos espaços formais quanto informais. Atuando sempre juntamente com outros profissionais para assim obter o desenvolvimento integral da criança</p>

LINK	https://repositorio.uninter.com/bitstream/handle/1/1029/Psicopedagogia%20%20um%20estudo%20sobre%20o%20contexto%20das%20crian%c3%a7as%20autistas.pdf?sequen ce=1&isAllowed=y
------	---

TÍTULO	Cap 3, p. 30 - O Autismo no Brasil: No Processo Histórico, Inclusivo e Terapêutico
AUTOR	Inara Maria da Silva Cunha e José Bruno de Araújo
ANO	2021
OBJETIVOS	Transparecer toda uma perspectiva sobre o autismo no Brasil através de cada tópico do artigo, embora traga uma visão sobre o autismo em que foi atribuído nas associações e nas terapias oferecidas no país, e especificamente tem um objetivo de mostrar sua relevância a nível nacional, podendo haver melhorias no futuro em todas as formas para a melhor intervenção nas instituições tendo um total aperfeiçoamento no atendimento à criança e ao paciente Autista.
RESULTADOS	
LINK	https://editorapantanal.com.br/ebooks/2021/educacao-em-foco-desafios-e-possibilidades/ebook.pdf#page=30

TÍTULO	AUTISMO, NÍVEIS E SUAS LIMITAÇÕES: UMA REVISÃO INTEGRATIVA DA LITERATURA.
AUTOR	Marielle Flávia do Nascimento Araújo; Isabella Korina dos Santos Barbosa ; Ariany Thauan Pereira de Holanda ; Cleide Santos de Moura ; Julia Bryana de Barros Santos ; Vitória Sousa da Silva ; Isabel Torres dos Santos ; Joysy Kynberlyn Gomes Campelo ; Alexsandro Gomes da Silva ; Évne Maria do Nascimento Silva .
ANO	2022
OBJETIVOS	Identificar na literatura científica quais os níveis do transtorno de espectro autista, bem como suas limitações na sociedade em dias atuais.
RESULTADOS	Foram selecionados 13 artigos, que abordavam acerca do autismo, seus níveis e suas limitações. Com base em relatos experimentais, o TEA pode ser identificado ou observado inicialmente a partir dos 12 meses de vida da criança, observando melhor os sinais de alerta a partir dos 18 meses pelos responsáveis legais.

LINK	https://app.periodikos.com.br/article/10.56238/phdsv2n5-002/pdf/revistaphd-02-05-8.pdf
------	---

Arquivo Pessoal

Esses trabalhos acadêmicos serviram de embasamento teórico para a construção desta pesquisa bibliográfica, tendo como principal eixo temático o Transtorno do Espectro Autista e a Intervenção Psicopedagógica, com enfoque nos seguintes pontos: O Transtorno do Espectro Autista: Processo histórico e inclusivo; Características, incidência e diagnóstico do Transtorno do Espectro Autista (TEA); O Manual Diagnóstico e Estatístico dos Transtornos Mentais (DSM) e os níveis do Transtorno do Espectro Autista (TEA); O Transtorno do Espectro Autista (TEA) e o Processo de Ensino Aprendizagem; e por fim, a Intervenção Psicopedagógica frente a criança com Transtorno do Espectro Autista (TEA).

O principal intuito desta pesquisa bibliográfica foi destacar a importância da intervenção psicopedagógica no desenvolvimento da aprendizagem da criança diagnosticada com o Transtorno do Espectro Autista, visto que é um procedimento necessário para o seu desenvolvimento, pois a criança com TEA pode demandar de um conjunto de abordagens, sendo muitas vezes necessário o acompanhamento com o(a) médico(a) especialista, o(a) psicólogo(a), o(a) fonoaudiólogo(a) e o(a) psicopedagogo(a). E ainda será preciso que os profissionais da educação estejam alinhados com o tipo de intervenção necessária para a criança com TEA.

É necessário enfatizar a relevância do trabalho do psicopedagogo, levando em consideração que este profissional assume um papel de fundamental importância na percepção dos processos de ensino aprendizagem da criança com TEA, tanto no convívio familiar, quanto no âmbito escolar. O psicopedagogo irá observar, investigar e analisar o contexto em que a criança está inserida, de modo que possa identificar e prevenir os problemas que dificultam o desenvolvimento da aprendizagem da criança com TEA. Esse processo exige a participação, o esforço, e a dedicação do psicopedagogo e também dos familiares da criança, pois são eles que convivem diariamente com a mesma, tendo assim uma relevância considerável nesse processo. Somente após a observação da criança com TEA que o psicopedagogo poderá dar início a intervenção, visto que será por meio desse olhar que o profissional irá identificar as habilidades e traçar um plano individual compatível com o nível de aprendizagem da criança (FONTENELE, 2018).

Alguns autores trazem em suas obras alguns métodos de intervenções, como o método PECS (Picture Exchange Communication System), este consiste em figuras dispostas em cartões, que representam objetos e situações reais. Esse método tem o intuito de auxiliar pessoas com TEA que apresentam dificuldades na comunicação, visto que com o uso desses cartões elas irão conseguir se expressar de maneira alternativa, por meio das imagens.

[...] O reforçamento subsequente, receber aquilo que quer, faz com que o comportamento de utilizar os cartões seja instalado, ampliando o repertório comportamental da criança e servindo de instrumento de comunicação quando a criança não possui o comportamento verbal necessário para interagir com o ambiente (SOUZA, 2018, p. 24).

Essa forma de interação pode contribuir para que a criança com TEA que tem dificuldade na comunicação consiga algo que ela deseja, seja um copo de água, ou informar que está sentindo fome, entre inúmeras situações do dia a dia. É importante que juntamente com o uso dos PECS também se tenha o incentivo da fala, com o uso de frases como “eu quero..., eu preciso...”. É essencial atuar junto à criança com TEA para que ela adquira um comportamento verbal, gerando assim uma maior independência para a mesma, todavia devemos sempre respeitar os limites de desenvolvimento de cada criança (SOUZA, 2018, p. 25).

Temos também o ABA (Applied Behavior Analysis), que é um método de análise aplicada do comportamento, tem a finalidade de observar e analisar a associação entre a criança, o meio que a cerca e o desenvolvimento da sua aprendizagem, com o intuito de modificar alguns comportamentos específicos.

[...] Constitui-se em um estudo científico comportamental que tenta aumentar, diminuir, melhorar, criar ou eliminar comportamentos previamente observados e identificados segundo critérios de funcionalidade para um determinado indivíduo em relação a seu ambiente. A habilidade que ainda não faz parte do repertório da criança é ensinada em etapas, iniciando-se com uma instrução ou indicação do terapeuta (SOUZA, 2018, p. 22).

No método ABA é ofertado à criança uma espécie de recompensa a cada resposta que ela acerta, essa recompensa funciona como um reforço positivo. Com o passar do tempo a criança será condicionada a dar determinadas respostas, responderá aos estímulos para

conseguir as recompensas. Na medida que a criança for se adaptando, as recompensas devem passar a ser administradas de maneira descontínua, até que a criança passe a ter determinado comportamento sem a necessidade de um reforço positivo, que nesse caso é a recompensa.

Já no método o TEACCH (Treatment and Education of Autistic and related Communication handicapped CHildren) consiste em um programa completo que se direciona as crianças com TEA, podendo ser utilizado em combinação com outros métodos em conformidade com a necessidade de cada criança (TREHIN, 2005 Apud SOUZA, 2018).

Esse programa objetiva desenvolver na criança autista o treino em habilidades sociais, independência e o ensino de maneira geral dentro de um programa especificamente elaborado para a criança. Este programa individualizado é montado a partir de uma avaliação PER-R (Perfil Psicoeducacional Revisado), levando em conta tanto os pontos fortes como fracos da criança (SOUZA, 2018, p. 23).

Esse método se baseia na criação de um ambiente que seja organizado com as rotinas da criança, de forma expostas, seja em murais, em agendas ou em quadros. A criança deve identificar quais são suas tarefas, através do quadro de rotinas, que pode ser disposto em anotações ou imagens, de acordo com o nível de aprendizagem que a criança se encontra. Após a identificação das tarefas, as crianças devem colocá-las em prática. Esse método torna o ambiente mais favorável para a criança, visto que ela vai compreender e organizar suas rotinas, como se é esperado.

O método TEACCH não é usado com regra em clínicas e consultórios, mas é frequentemente adotado pelas escolas, que têm o atendimento de crianças com Necessidades Educacionais Especiais (NEE), especialmente crianças com TEA. A escola deve montar o currículo de maneira individualizada, no qual cada criança deve ter seus próprios objetivos e metas a alcançar.

É de fundamental importância que, independentemente do método que seja utilizado, o profissional tenha sensibilidade e criatividade para adaptar materiais e criar estratégias que motivem a criança a querer continuar aprendendo, isso de acordo com as suas necessidades e interesses (MENEZES; MACHADO; SMEHA, 2015 Apud DAMASCENO; JÚNIOR, 2018).

A intervenção psicopedagógica é fundamental para o desenvolvimento da criança com TEA, de modo que o psicopedagogo é um profissional capacitado para realizar o devido acompanhamento do progresso do desenvolvimento da aprendizagem dessa criança, além de direcionar o trabalho do professor em sala de aula.

[...] instituiu-se como saber independente e complementar a outras áreas de estudo, tendo como objeto de estudo o processo aprendizagem e recursos diagnósticos próprios. A partir disso, a psicopedagogia apresenta um caráter interdisciplinar, pois busca na psicologia, psicanálise, linguística, pedagogia, neurologia e outras áreas afins os conhecimentos necessários à compreensão dos processos de aprendizagem. (MENEZES; MACHADO; SMEHA, 2015, p. 3 Apud DAMASCENO; JÚNIOR, 2018,).

Para uma intervenção psicopedagógica eficaz, é necessário que o diagnóstico seja precoce, pois quando se é iniciado precocemente, a criança tem mais chances de desenvolver sua comunicação, sua interação social, sua autonomia e a sua aprendizagem.

É importante que a família da criança com TEA também esteja disposta a introduzir algumas intervenções no seu dia a dia, visto que, a família é a principal responsável pelo desenvolvimento da criança. Vale ressaltar também que as crianças são como espelhos do ambiente e das pessoas com que convivem, sendo assim, elas tendem a refletir e projetar todas as ações que os familiares têm para com elas, conseqüentemente o desenvolvimento da aprendizagem da criança também é uma responsabilidade de seus familiares.

A intervenção psicopedagógica unidas com a equipe escolar e a família da criança com TEA, com o propósito de desenvolver as áreas que a criança têm mais dificuldades, e utilizando os meios adequados às suas necessidades, provavelmente alcançaram um resultado de sucesso, visto que esse é um trabalho em conjunto.

A intervenção psicopedagógica se trata de um conjunto de estratégias que têm como objetivo amenizar os prejuízos causados pelos déficits de aprendizagem oriundos do TEA, nesse caso. Esquemas de direção são executados na intervenção, com o uso de atividades como jogos de regras, brincadeiras, dramatizações, entre outras, visto que existem muitos recursos que podem ser utilizados na hora da intervenção, como recursos digitais e a música, com o intuito de proporcionalizar a expressão dos sentimentos, o desenvolvimento da comunicação, da interação social, da autonomia e da aprendizagem.

É por meio da intervenção psicopedagógica que a criança com TEA pode conseguir compreender alguns conteúdos escolares, preenchendo assim possíveis lacunas que o ensino regular pode deixar. É fundamental que o profissional utilize instrumentos para a intervenção psicopedagógica, que possibilitem conhecer de fato quais são as necessidades particulares de cada criança, bem como seus interesses, para que assim, o psicopedagogo possa utilizar do recurso de intervenção que melhor corresponda com as necessidades da criança.

Desse modo, a intervenção psicopedagógica é planejada em conformidade com as dificuldades identificadas na avaliação realizada pelo psicopedagogo, que irá planejar jogos, brincadeiras e atividades, para trabalhar nas necessidades específicas de cada criança com TEA. É importante que a intervenção seja em meio a ludicidade e a brincadeira, unidas com o uso das técnicas baseadas na análise aplicada do comportamento, para desenvolver as habilidades de pré-requisitos para a maturação da criança. De modo que, a intervenção e estimulação, auxiliem a criança diagnosticada com TEA no processo de desenvolvimento humano, e conseqüentemente no desenvolvimento de sua aprendizagem.

Visto que a intervenção psicopedagógica é essencial para o desenvolvimento da criança com Transtorno do Espectro Autista (TEA), é válido ressaltar ainda, que o profissional psicopedagogo sempre está em busca do melhor para os seus pacientes, assim como a maioria dos profissionais envolvidos com estas crianças. Desse modo, é de fundamental importância que não desistamos no caminho pelo fato da criança apresentar sintomas moderados ou severos. É uma longa jornada, todavia os profissionais tendem sempre a focar nos avanços das crianças, potencializando todos eles. É nosso dever acreditar que as crianças com TEA são, sim, capazes de se desenvolver, dessa maneira não devemos subestimá-las e nem as inferiorizar.

5 CONCLUSÃO

O presente estudo bibliográfico foi realizado com a proposta de investigar sobre a intervenção psicopedagógica no desenvolvimento da aprendizagem de crianças com Transtorno do Espectro Autista (TEA), tendo como objetivo analisar como a Psicopedagogia pode contribuir para o desenvolvimento da aprendizagem da criança com TEA.

Diante da complexidade da escolarização de crianças diagnosticadas com TEA, alguns profissionais que compõem a equipe escolar podem apresentar uma certa insegurança quando ocorre a chegada de uma criança diagnosticada com TEA em sala de aula, visto que é uma tarefa que foge da metodologia geralmente mantida na sala de aula do ensino regular, e com a chegada de uma criança com Necessidades Educacionais Especiais (NEE), se faz necessário que haja uma adaptação e/ou transformação da metodologia antes utilizada. A criança com TEA jamais deve se adaptar à metodologia de ensino, a metodologia que deve se adaptar às necessidades dessa criança.

A partir do estudo constatou-se a importância do diagnóstico precoce da criança com TEA, pois quanto antes forem iniciadas as terapias e as intervenções, mais chances ela terá de se desenvolver e se tornar um adulto independente e autônomo. Pois com os estímulos necessários para essa criança, ela poderá ter o aumento das conexões neurais, e por consequência a aquisição de habilidades físicas, socioemocionais, cognitivas, a melhora na linguagem, entre outras habilidades que podem ter sido afetadas devido ao TEA.

Com o intuito de que a intervenção psicopedagógica, de fato, contribua para o desenvolvimento da criança com TEA, é importante que o profissional de início observe a criança e realize alguns testes, para conhecer o seu nível de aprendizagem e/ou de dificuldade, para que então, possa agir com base na necessidade específica da criança.

É importante que a intervenção psicopedagógica aconteça de forma lúdica, com o uso de jogos e brincadeiras. O profissional deve partir das necessidades e também dos interesses da criança, para que a mesma se envolva de fato nessas atividades de intervenção, pois a utilização das áreas de interesse da criança com TEA, na realização dessas atividades fará com que ela fique mais tempo focada, fazendo assim, com que ela receba os estímulos que foram propostos a ela.

A intervenção psicopedagógica contribui grandemente para o desenvolvimento da aprendizagem da criança diagnosticada com o Transtorno do Espectro Autista (TEA), pelo

fato de focar diretamente nas necessidades da criança, sendo assim as intervenções são personalizadas de acordo com o nível de aprendizagem e de dificuldade, ou seja, conforme o desenvolvimento de cada criança. Todavia é importante ressaltar, que esse deve ser um trabalho contínuo, tanto no âmbito familiar, quanto no escolar, pois é importante que a criança receba os devidos estímulos orientados pelo psicopedagogo também no seu dia a dia.

REFERÊNCIAS

ARAÚJO; Marielle Flávia do Nascimento et al. **Autismo, Níveis e Suas Limitações: Uma Revisão Integrativa Da Literatura.** 2022. Disponível em: <https://app.periodikos.com.br/article/10.56238/phdsv2n5-002/pdf/revistaphd-02-05-8.pdf>. Acesso em: 12 de outubro de 2022.

BRASIL. Decreto-lei no 12.764, de 27 de dezembro de 2012; 191º da Independência e 124º da República. Disponível em: https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2011-2014/2012/lei/112764.htm. Acesso em: 17 de junho de 2022.

BRASIL. Lei nº 13.005, de 25 de junho de 2014; 193º da Independência e 126º da República. Disponível em: https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2011-2014/2014/lei/113005.htm. Acesso em: 24 de agosto de 2022.

COSTA, Helena Emília Dias; SANTOS, Valerio Xavier. **Psicopedagogia: Um Estudo Sobre O Contexto Das Crianças Autistas.** Centro Universitário Internacional UNINTER, 2022. Disponível em: <https://repositorio.uninter.com/bitstream/handle/1/1029/Psicopedagogia%20%20um%20estudo%20sobre%20o%20contexto%20das%20crian%27as%20autistas.pdf?sequence=1&isAllowed=y>. Acesso em: 27 de outubro de 2022.

CUNHA, Inara Maria da Silva; ARAÚJO, José Bruno. O Autismo no Brasil: No Processo Histórico, Inclusivo e Terapêutico. In: JORGE, Regina Santos et al. **Educação em foco: desafios e possibilidades.** Nova Xavantina, MT: Pantanal Editora, 2021. p. 29 - 40. Disponível em: <https://editorapantanal.com.br/ebooks/2021/educacao-em-foco-desafios-e-possibilidades/ebook.pdf#page=30>. Acesso em: 05 de agosto de 2022.

DAMASCENO, Eidson Lima; JÚNIOR, Edivaldo Xavier da Silva. **A Música Como Instrumento De Intervenção Psicopedagógica Em Crianças Com Transtorno Do Espectro Autista.** 2018. Disponível em: https://www.researchgate.net/profile/Eidson-Damasceno-2/publication/335413376_A_MUSICA_COMO_INSTRUMENTO_DE_INTERVENCAO_PSIKOPEDAGOGICA_EM_CRIANCAS_COM_TRANSTORNO_DO_ESPECTRO_AUTISTA/links/5e5f0ccf4585152ce804f6a6/A-MUSICA-COMO-INSTRUMENTO-DE-INTERVENCAO-PSIKOPEDAGOGICA-EM-CRIANCAS-COM-TRANSTORNO-DO-ESPECTRO-AUTISTA.pdf. Acesso em: 02 de novembro de 2022.

FONTENELE, Maria Auxilene Venancio. **O Transtorno do Espectro do Autismo – Teia Numa Intervenção Psicopedagógica Com Os Recursos Educacionais Digitais.** Secretaria de Educação do Ceará – Seduc/Ce, 2018. Disponível em: https://www.editorarealize.com.br/editora/anais/conedu/2018/TRABALHO_EV117_MD1_SA10_ID1802_01112018155445.pdf. Acesso em: 21 de junho de 2022.

MAENNER, Matthew J. et al. **Prevalência e características do transtorno do espectro autista entre crianças de 8 anos — Autism and Development Disabilities Monitoring Network, 11 Sites, Estados Unidos, 2018.** Centro de Controle de Doenças e Prevenção

(CDC). Estados Unidos, 2021. Disponível em: <https://www.cdc.gov/mmwr/volumes/70/ss/ss7011a1.htm>. Acesso em: 15 de agosto de 2022.

MACHADO, Maria Cristina Galarce. **A atuação do psicopedagogo frente à criança autista.** Centro Universitário Franciscano (UNIFRA). Disponível em: <http://www.agapasm.com.br/Artigos/A%20atua%C3%A7%C3%A3o%20do%20Psicopedago%20frente%20%C3%A0%20crian%C3%A7a%20Autista!.pdf>. Acesso em: 28 de outubro de 2022.

SOUZA, Érika Rodrigues Andrade. **O Autismo E A Intervenção Psicopedagógica: Um Estudo De Caso.** Campina Grande, 2018. Disponível em: <https://dspace.bc.uepb.edu.br/jspui/bitstream/123456789/21314/1/TCC%20-%20%C3%89RIKA%20RODRIGUES%20ANDRADE%20DE%20SOUZA.pdf>. Acesso em: 08 de junho de 2022.

STEFFEN, Bruna Freitas et al. **Diagnóstico Precoce De Autismo: Uma Revisão Literária.** Mineiros-GO: RSM – Revista Saúde Multidisciplinar, 6^a Ed, 2019. Disponível em: <http://revistas.famp.edu.br/revistasaudemultidisciplinar/article/view/91/89>. Acesso em: 17 de junho de 2022.